



ARTIGOS PRINCIPAIS

Geração e salvação: lições de Niceia

Generation and Salvation: Lessons from Nicaea

Maria Clara L. Bingemer *

RESUMO: A propósito da celebração dos 1700 anos do Concílio de Niceia, a teologia se vê desafiada a refletir sobre este importante acontecimento que influenciou em seus rumos históricos. Este texto pretende tomar uma perspectiva para refletir sobre o Credo niceno, procurando refletir sobre o ponto da geração eterna do Filho e vendo de que modo essa afirmação de fé tem impacto sobre o hoje da sociedade e da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Deus. Trindade. Niceia. Geração. Salvação. Humanidade.

ABSTRACT: On the occasion of the celebration of the 1700th anniversary of the Council of Nicaea, theology is challenged to reflect on this important event that influenced its historical course. This text aims to take a perspective to reflect on the Nicene Creed, seeking to reflect on the point of the eternal generation of the Son and seeing how this affirmation of faith impacts society and the Church today.

KEYWORDS: God. Trinity. Nicaea. Generation. Salvation. Humanity. Fruitfulness.

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Introdução

Durante o ano de 2025 as Igrejas cristãs celebram um importante aniversário: os 1700 anos do grande acontecimento do Concílio de Niceia, celebrado em 325, que revolucionou a teologia trinitária e deu base filosófica e teológica ao discurso sobre o Deus da fé cristã. Neste artigo nossa proposta é refletir sobre uma das afirmações de Niceia a respeito da pessoa do Filho de Deus: aquela que o confessa gerado e não criado. Nosso texto estudará primeiramente a etimologia da palavra “geração” em alguns idiomas procurando ver a convergência de seu significado. Em seguida, examinará como vários dos campos do conhecimento entendem “geração” e palavras dela derivadas, como “geracional” e quais as implicações do verbo “gerar”. A seguinte seção se deterá sobre o significado de gerar e geração em termos genealógicos, estudando as relações de família, parentesco e descendência. Aí também aparecerão algumas recentes descobertas da ciência que fazem avançar o conhecimento sobre a genealogia, com destaque para o DNA, que permite afirmar com precisão a parentalidade de uma pessoa. Juntamente com essa descoberta, está a do anticoncepcional, a qual revolucionou a atitude da humanidade com relação à procriação e à geração. Veremos a seguir o desequilíbrio que hoje apresentam as taxas de natalidade, com sua alarmante queda na maioria dos países, resultando em uma incerteza sobre o futuro da humanidade. Frente a este panorama mostraremos como o Concílio de Niceia e sua teologia iluminam e desafiam a recordar ao ser humano sua identidade de ser criado à imagem de Deus. A fecundidade e o dom de gerar e manter em movimento a cadeia da vida é parte constitutiva de sua identidade, em analogia com o ser de Deus confessado em Niceia. Na seção final procuraremos levantar algumas lições que Niceia hoje nos dá a respeito de nossa fé em Deus e nosso futuro enquanto humanidade.

1 Gerar e geração: indo à raiz das palavras

O tempo infinitivo do verbo “gerar”, assim como sua flexão no particípio passado “gerado”, e consequentemente o substantivo “geração” têm diferentes interpretações nos distintos idiomas, inclusive no idioma português. Aqui nos propomos ir à raiz das palavras para melhor compreender seu real e autêntico sentido.

Se buscamos a etimologia da palavra, vemos que “gerar” vem do latim “generare”. Nas línguas latinas “generare” se aproxima em seu significado de “genus” cuja tradução poderia ser “origem”, “estirpe”, “linhagem” ou “classe” (Gerar, 2022). Em línguas anglófonas, tomando como exemplo o inglês, “gerar” se traduz como “generate”, mas o termo mais arcaico

e original traduz gerar por “beget”, ou seja, uma combinação entre “to be” = “ser” e “to get” = “originar”. E o adjetivo “gerado” se traduz por “begotten”, que poderia ser entendido como originado no ser ou, talvez mais precisamente, “aquele cujo ser foi originado” (Beget, 2025).

Essa origem dá uma pista sobre a amplitude semântica do termo, que vai além de “criar” e abrange a ideia de fazer surgir algo novo a partir de algo preexistente, estabelecendo uma relação de origem sem origem e em situação de igualdade e alteridade. No Credo niceno, o Verbo Encarnado é chamado “Filho Unigênito”, em espanhol “Hijo Unigenito”, em inglês “Begotten Son”. E em latim “Filius Unigenitus”. A continuidade do texto do Credo, afirmando que o Filho Unigênito é “gerado, não criado” e “consustancial” ao Pai reafirmará, por um lado, a distinção do Filho em relação a todos os outros seres humanos, que são criados e não gerados. Por outro lado, reafirmará sua identificação com Deus Pai, com o qual é “homooúsios”, ou seja, da mesma substância. Essa identificação convive com a alteridade, uma vez que as pessoas divinas são Pai e Filho, não havendo superposição de uma sobre a outra.

Seguindo o itinerário de compreensão e aprofundamento da palavra “gerar”, no idioma português este termo implica uma certa causalidade. Não se trata simplesmente de algo aparecer surgindo do nada, “ex nihilo”, mas sim de algo produzir o surgimento de algo novo. Além disso, a palavra frequentemente carrega uma conotação de processo, sugerindo uma série de etapas ou estágios que levam ao surgimento de algo (Nexo da causalidade, 2025; Generar, 2025).

Em suma, “gerar” é um verbo rico em significado, que evoluiu de sua origem latina para abranger uma ampla gama de contextos, da procriação biológica à produção de ideias ou energia. Seu uso implica uma relação de causalidade e processo, destacando a ideia de dar origem a algo novo a partir de algo preexistente.

Quando falamos de “geração” devemos, portanto, defrontar-nos com vários entendimentos da palavra, especificamente vinculados à área do saber e do conhecimento que a envolvem. Segundo a biologia, por exemplo, “geração” significaria tipicamente um ser humano ou mais de um, que traz outro ser ou seres à existência pelo processo de reprodução. Significaria também dar vida a, trazer à existência, trazer ao mundo, procriar, reproduzir, dar origem a, fazer surgir.

Normalmente, se vamos ao campo das ciências sociais, chamamos de geração todas as pessoas que nasceram e viveram aproximadamente na mesma época, consideradas coletivamente. As ciências sociais consideram o conceito de geração para além do tempo de vida biológico, abrangendo a ideia de um grupo social com experiências compartilhadas. As gerações

podem ser identificadas por suas preferências, valores, hábitos e formas de interação (Attias-Donfut, 1988).

A perspectiva para entender geração pode igualmente ser espaço-temporal. Geração seria então sinônimo do conjunto de elementos que compreende nascimento/idade em demografia, marketing e ciências sociais, onde significa pessoas dentro de uma população delimitada que vivenciam os mesmos eventos significativos em um determinado período de tempo (Attias-Donfut, 1988). O termo geração é, também, amplamente utilizado na cultura popular e constitui a base da análise sociológica. A análise séria das gerações teve início no século XIX, emergindo de uma crescente conscientização sobre a possibilidade de mudança social permanente e da ideia de rebelião juvenil contra a ordem social estabelecido (Cardoso, 2005). Alguns analistas acreditam que a geração é uma das categorias sociais fundamentais em uma sociedade, sendo superada apenas por outras categorias como classe, gênero, raça e educação.

O conflito entre gerações, por exemplo, é uma das características do século passado e do que já vivenciamos do século atual como algo importante. Dele resultam fenômenos como as revoluções juvenis, que impactam a moda, o estilo de vida e a alimentação¹. Gera igualmente correntes de preconceito estrutural como as discriminações contra idosos, a mentalidade empresarial neoliberal, que descarta os trabalhadores que atingem determinada idade, substituindo-os por mais jovens. O termo técnico que hoje discute esta situação tem o nome de etarismo (Francisco, 2024a).

2 Gerar: movimentar a cadeia da vida

Do ponto de vista genealógico, geração designa ao mesmo tempo uma relação de filiação e o conjunto das pessoas classificadas segundo esta mesma categoria. Esta definição se aplica geralmente à parentela, mas talvez possa ser estendida a grupos mais amplos, indiferentemente à questão da idade, tendo em comum um mesmo grau de filiação com relação a um conjunto bem identificado (Attias-Donfut, 1988).

Em termos de genealogia, portanto, onde entram em cena família e parentesco, geração é um termo estrutural que designa a relação pai e mãe-filho. Em biologia, geração também significa biogênese, reprodução e procriação. Segundo estas perspectivas, gerar é engendrar a vida. Dois seres humanos engendram, geram outra ou outras vidas humana/s. Finalmente,

¹ Ver, por exemplo, o movimento hippie dos anos 60, especialmente a grande reunião de Woodstock, feita e levada a cabo pela geração jovem daquela década (Festival de Woodstock, 2025).

como vemos, geração se refere à vida, à dinâmica e ao processo da vida. Trata-se da vida que se reproduz em natureza, substância, essência, embora possa diferir quanto à identidade pessoal. Os estudos científicos que levaram à descoberta do DNA mostram que o material genético que define a identidade de cada ser vivo, contém as informações necessárias para o seu desenvolvimento, funcionamento e reprodução (Frantz, 2020). Trata-se da molécula que carrega as informações genéticas de todos os seres vivos. É como um manual de instruções que determina as características de um organismo, desde a cor dos olhos até a predisposição a certas doenças. O DNA está presente em todas as células do corpo, dentro do núcleo e, em alguns casos, em organelas como as mitocôndrias. O DNA foi descoberto em 1869 pelo bioquímico suíço Johann Friedrich Miescher (1844-1895), mas a estrutura tridimensional da molécula de DNA foi descoberta apenas em 1953, por Francis Crick, James Watson e Maurice Wilkins, em Cambridge, Reino Unido (National Geographic Brasil, 2024).

Em tempos de emancipação feminina, a descoberta do DNA revolucionou não apenas a ciência, mas trouxe implicações significativas em diversas áreas. Ficaram para trás os tempos em que a mulher que engravidasse fora da união conjugal era estigmatizada pela sociedade e não conseguia demonstrar quem era o pai de seu filho. Com a descoberta científica, a identidade do pai da criança gerada pode ser comprovada com exame laboratorial. A análise genética, através do exame de DNA, tornou possível a confirmação da paternidade com alta precisão, o que impactou diretamente as relações familiares e os direitos relacionados à filiação. Paralelamente, a luta pela emancipação feminina, que busca garantir direitos iguais e autonomia para as mulheres, também se beneficiou da ciência, com a possibilidade de exigir testes de DNA para o reconhecimento de paternidade, alterando as dinâmicas familiares e o acesso a direitos como pensão e herança (Felicio, 2024).

Por outro lado, a partir de 1960, a humanidade realizou um salto científico importante no que diz respeito à geração de vidas humanas, com a descoberta, em 1960, nos Estados Unidos, do anticoncepcional, que revolucionou a vida sexual e reprodutiva das mulheres, permitindo o planejamento familiar e a separação entre sexo e reprodução. Porém, a disseminação do anticoncepcional ocasionou desde seus inícios debates não apenas médicos, mas também éticos. Os efeitos colaterais da pílula não eram desprezíveis. Portanto seu uso indiscriminado não consistia apenas em algo ameaçador para a saúde, mas igualmente levantava questões éticas (Jimenez *et al.*, 2024, p. 843-855).

Em termos da moral teológica católica, houve já no ano de 1968 uma palavra clara da Igreja alertando contra os elementos negativos e os riscos dos anticoncepcionais (Paulo VI, 1968). Eles foram qualificados de serem antinaturais, arriscando criar uma perigosa cultura contraceptiva, separando

o sexo da procriação. Até então para a moral católica o sexo era permitido dentro do matrimônio e com vistas à procriação. Em 1981 isso foi mitigado com o documento de João Paulo II, *Familiaris Consortio*, que admitia duas finalidades do matrimônio: a procriação e o crescimento no amor. Muito se discutiu e debateu sobre o risco inerente ao uso indiscriminado dos anticoncepcionais que poderia ajudar a construir uma mentalidade esterilizante e levar à depopulação do planeta. Em 1995, João Paulo II promulgou a Carta encíclica *Evangelium Vitae*, que reafirma este ponto e outros contidos na *Humanae Vitae* de 1968.

3 Geração humana: futuro incerto e perspectivas

Sessenta anos depois, deparamo-nos com ganhos inegáveis trazidos pelo controle da natalidade, através do processo de construção de uma paternidade e maternidade responsáveis. Por outro lado, percebemos que somos muito especialmente uma espécie que parece ter dificuldades para assumir a aventura vital de gerar e dar vida. Estudo publicado na revista britânica *The Lancet* (Bhattacharjee *et al.*, 2024) analisa as taxas de fertilidade e natalidade no mundo e aponta que, até o ano de 2100, apenas 6 (3%) entre 204 países terão níveis sustentáveis de nascimentos para reposição sustentável da população. O trabalho analisa os dados entre 1950 e 2021 e faz a projeção para 2050 e 2100. A pesquisa é fruto da parceria do grupo de estudo internacional chamado Global Burden of Diseases (Carga Global das Doenças) (Fiocruz, 2024).

A taxa de fertilidade considerada aceitável em nível de reposição populacional é de 2,1 filhos por mulher ao longo da vida. Em 1950, globalmente, o número era de 4,84, caindo para 2,23 em 2021. As projeções futuras apontam para 1,83 em 2050 e 1,59 em 2100 (Fiocruz, 2024).

Diz o periódico:

As futuras taxas de fertilidade continuarão a diminuir em todo o mundo e permanecerão baixas mesmo sob a implementação bem-sucedida de políticas que estimulem a natalidade. Estas mudanças terão consequências econômicas e sociais devido ao envelhecimento da população e ao declínio da força de trabalho (Bhattacharjee *et al.*, 2024, p. 2058, tradução nossa; Fiocruz, 2024).

Vemos, portanto, que no mundo de hoje a crise “geracional” não pode ser entendida apenas através dos relatos de conflitos de gerações. Trata-se igualmente – pelo menos em algumas regiões do planeta – de uma crise “gestacional”, que levanta o alerta sobre a deficiência ou mesmo a resistência em gerar e engendrar. Esta resistência interrompe a cadeia da vida ou a freia, resultando em um desequilíbrio preocupante não apenas para a vida humana, mas para a vida em geral.

O dito popular “As plantas são os novos bichinhos de estimação; os bichinhos de estimação são as novas crianças; e crianças são seres muito especiais e dispendiosos que só os ricos podem ter”², parece ter algo de verdade. Isso ocorre sobretudo em certas latitudes, ao norte do planeta, como nos países com mais recursos da Europa e da América do Norte, assim como na Ásia, sobretudo Japão e Coreia do Sul, há menor natalidade. Enquanto em alguns países da África Subsaariana ainda se observa uma natalidade alta³.

As consequências deste estado de coisas são muitas e podem ser analisadas desde várias perspectivas. Por um lado, o envelhecimento da população ameaça a sustentabilidade das economias. Por outro, o desequilíbrio populacional entre países de diferentes continentes se anuncia como um problema concreto e agudo para as décadas vindouras.

A deficiência de geração e de gestação reforça os desafios para o crescimento econômico de países de rendimento médio e alto, com uma força de trabalho cada vez menor e um fardo crescente sobre os sistemas de saúde e de segurança social de uma população envelhecida (Bhattacharjee *et al.*, 2024).

As causas desse fenômeno são várias. E o fato de os países ocidentais e mesmo alguns asiáticos terem as taxas mais baixas mostra que o desenvolvimento entendido como crescimento econômico e formação de sociedades individualistas impacta diretamente na dinâmica da vida. Em um encontro realizado no Vaticano em 10 de maio de 2024, o Papa Francisco denunciou o egoísmo e o consumismo que hoje desequilibram as taxas de natalidade, ameaçando o futuro da humanidade. Disse o Pontífice:

o problema não é quantos de nós há no mundo, mas que tipo de mundo estamos construindo; não são as crianças, mas o egoísmo, que cria injustiças e estruturas de pecado, a ponto de tecer interdependências doentias entre sistemas sociais, econômicos e políticos (Francisco, 2024b).

Há outro fator importante neste quadro denunciado pelo Papa Francisco que por ele não é mencionado. Devido à mentalidade mais emancipada das mulheres, frequentemente se constata por parte das mesmas um investimento mais longo na carreira e uma postergação da maternidade. Muitas delas vão então buscar a gravidez e a maternidade perto dos 40 anos. E chegando a este ponto de seu cronograma biológico, boa parte já não consegue engravidar. Os resultados muitas vezes são cruéis, e dolorosas as frustrações diante de uma escolha que nem sempre é livre. Essa opção, mais ou menos imposta pela cultura vigente, não sempre traz felicidade

² Essa frase não pode ser atribuída a um autor individual. Foi sendo composta por um sentimento coletivo que constata a realidade descrita.

³ Segundo dados da Deutsche Welle, acessado em 23 de julho de 2025, a taxa de natalidade tem em seu topo países como Nigéria, Somália, Congo, Mali e Chade, ou seja, acima de 4,6 filhos por mulher como média (Ghaedi, 2022).

e bem-estar para as mesmas mulheres. E não resulta necessariamente em estabilidade psíquica, como afirmam a intelectual feminista estadunidense Camille Paglia desde os anos 1990 (Paglia, 2012) e igualmente a psicanalista búlgaro-francesa Julia Kristeva (Kristeva, 2007).

Ambas as pensadoras acima citadas se referem particularmente às mulheres. Mas não se trata apenas do sexo feminino. Todo ser humano, inclusive os homens, têm uma experiência humana amputada em uma dimensão central quando dela é excluída a geração de outro que é semelhante e diferente, saído das próprias entranhas e com personalidade outra e própria.

A psicanalista que é Kristeva afirma não existirem na experiência humana situações que nos confrontem tão radical e simplesmente como esta emergência do outro presente na geração da vida. A pensadora dirige sua atenção e reflexão sobretudo para a maternidade. No entanto, afirma que na paternidade isso também se passa, ainda que de forma diferente. Na paternidade, ainda segundo Kristeva, o sujeito que a vive, para vivê-la plena e profundamente deve passar pelo percurso feminino e o pai então deve assumir ele mesmo sua feminilidade (Kristeva, 2007). Aquilo que é a graça própria da maternidade, ela a amplia para todo o gênero humano:

Gosto de pensar que, em nossa aventura humana, nos é dado encontrar o “outro” – às vezes, raramente – se e somente se, nós, homens e mulheres, somos capazes desta experiência maternal que diferencia o erotismo em ternura e faz de um “objeto” um “outro eu” (Kristeva, 2007, p. 144).

Neste momento de nossa reflexão cremos haver tocado um ponto sensível que aproxima a análise de contexto e a hermenêutica filosófica que procuramos fazer, da teologia. É então que nos aproximamos do Concílio de Niceia, cujo 1700º aniversário celebramos agora. Do credo que emergiu daquela assembleia onde esteve em jogo o futuro do cristianismo, na discussão sobre a natureza do Verbo Encarnado, destacamos a seguir uma das afirmações que nos parecem da maior importância. Essa importância se deu não só para o momento em que o concílio aconteceu, no ano de 325, presidido pelo Imperador Constantino, com a inspirada assistência de Atanásio de Alexandria. Mas até hoje profere palavras que inspiram sucessivas gerações ensinando não apenas quem é o Deus da fé cristã, mas igualmente quem é a humanidade, segundo essa mesma fé cristã.

4 O Deus da Revelação: amante e gerador de vida

Do ponto de vista genealógico, geração refere-se tanto a uma relação de filiação individual quanto ao conjunto de pessoas classificadas de acordo com ela. Essa definição geralmente se aplica ao parentesco, mas pode ser estendida a grupos maiores, de qualquer idade, que compartilham o mes-

mo grau de filiação em relação a um grupo claramente identificado. Para citar um exemplo da Bíblia, todos os filhos de Jacó pertencem à mesma geração, mesmo que uma ou duas décadas separem o mais velho do mais novo. A etnologia geralmente adere a esse significado (Héritier, 1981).

A revelação de Deus nas Escrituras judaicas e cristãs O apresenta como Criador, autor e amante da vida. O relato da criação demonstra o afeto e o cuidado inabaláveis de Deus pela Terra que é o espaço onde acontece a vida e onde a vida cresce e se reproduz. Além de iluminá-la com as luzes do firmamento, Ele a povoa de vida, em uma imensa diversidade de formas e espécies. A criação de Deus, portanto, é amiga da vida e seu único propósito é que a vida se propague, a partir de sua origem divina, que é Vida em si mesma.

Deus é o ardente amante da vida (Sb 6,11): o plano divino é para a vida e não para a morte. Portanto, todo e qualquer ataque ou negligência com relação à vida não provém de Deus. Mais do que isso: Deus é a vida em Si mesmo. Tudo o que leva à morte ou à diminuição da vida não tem identificação com Deus. Da mesma forma acontece com a esterilidade e a desertificação, que hoje atingem toda a Criação, inclusive a humanidade.

Existe uma história de amor entre o Criador e Sua criação. O livro de Gênesis diz que “No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ou, no princípio de todas as coisas, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). Na fundação do mundo, portanto, no princípio de todas as coisas, Deus criou o céu, a terra, o universo, em suma. Estas palavras, com as quais a Bíblia começa, apresentam duas importantes verdades de fé. Primeiro, “o céu e a terra”, ou o universo físico, tiveram um começo. Segundo, ambos foram criados por Deus. Originaram-se do poder criador do mistério maior que é – esse sim – eterno e sem origem (Bingemer, 2021, p. 560). A criação do ser humano se encontra dentro deste processo e não dele separado como se fosse uma criatura à parte. Ser humano, portanto, é ser terra, é ser parte da cadeia da fertilidade e da vida que movimenta o planeta e o conjunto de todos os seres criados.

Essa experiência de que somos Terra constituiu a matriz do processo de autoconsciência da humanidade. A Terra é nossa mãe e todos nós temos dentro de nós o seu “código genético”, provido pela sua identidade materna e direta (Bingemer, 2021, p. 561). Viemos do seu ventre e somos feitos da sua substância. Ela é a nossa matriz arquetípica e não existimos dela separados, mas sim no seu corpo, sendo parte constitutiva de sua identidade. Dessa experiência matricial surgem então uma mística e uma política configuradas pela corporeidade humana e pelas instituições matriarcais. Da Terra aprendemos que as mulheres são o primeiro eixo organizacional da sociedade e da cultura (Bingemer, 2021, p. 561). A corrente de pensamento chamada ecofeminismo, da qual a teologia participa com características próprias, vem se debruçando sobre essa questão e

lançando reflexões e desafios que enriquecem o momento atual em que vivemos uma imensa crise ecológica/humanitária (Villas Boas *et al.*, 2025; Bingemer, 2021, p. 562).

As corporeidades criadas – diferenciadas e conjuntas – mencionadas no relato do Gênesis – *isch – ischá* (Gn 1,27) – cuja analogia existe e se faz sentir em todas as espécies criadas sobre a face da terra, revelam que o processo de multiplicação da vida se faz a partir dos corpos que se fecundam e alimentam reciprocamente dentro da dinâmica do grande Corpo da Terra.

A metáfora do corpo revela que a mulher carrega em seu corpo os processos que a terra experimenta em uma esfera maior e infinitamente multiplicada. A corporeidade feminina metaforiza o grande Corpo Sagrado da terra, a sede da vida, onde habita o Espírito vivificante (Bingemer, 2021, p. 568). Por outro lado, a corporeidade da mulher é aberta e perfurada, recebendo a contribuição da corporeidade masculina, que a penetra e fecunda a fim de que a alteridade igual e diversa possa nascer e surgir. A experiência de fecundar-se reciprocamente e gerar mais vida, em uma corporeidade aberta à fecundação e à fertilidade é a única capaz de resgatar o Eros dominado que construiu um imaginário dualista e opressor marcando o pensar e o agir, tendo como consequência os patriarcalismos e as discriminações de toda sorte que resultam na imensa crise que hoje vivemos. Resgata também a solidão da corporeidade, abrindo-a ilimitadamente à comunhão com tudo o que vive e existe. A inocência e a beleza vital do corpóreo são o selo característico dessa existencialidade feita de barro e carne atravessada pelo sopro vital do Espírito (Bingemer, 2021, p. 568).

Gerar vida é um elemento constitutivo de existir e fazer existir dentro do grande e complexo Corpo da vida. É, portanto, aquilo que caracteriza o Deus da Revelação judaica e cristã. Não só consiste naquilo que Deus faz desde antes de qualquer início histórico – temporal, como é aquilo que Deus é desde sempre e antes de que o tempo existisse. Ele gera a vida não apenas a partir de seu poder, mas a partir de sua existência eterna e de sua unidade alterada pela relacionalidade eterna entre as três pessoas divinas.

Como o diz o documento da Comissão Teológica Internacional (CTI) que celebra os 1700 anos do Concílio de Niceia:

O cristianismo é fundamentalmente um monoteísmo, em continuidade com a revelação feita a Israel. No entanto, o Símbolo não coloca em primeiro lugar “Deus” como tal, e menos ainda a única natureza divina, mas sim a Primeira hipóstase divina, que é o Pai (CTI, n. 9)⁴.

⁴ Conferir no mesmo Documento as referências presentes na nota 11, inserida neste parágrafo do documento.

Aqui não podemos deixar de recordar a frase de Karl Rahner, que afirma que quando os cristãos falam do Deus de sua fé, fazem afirmações puramente monoteístas (Rahner, 1989, p. 60-113; Rahner, 1975, p. 93-165; Rahner, 1967, p. 62-73; Bingemer; Feller, 2002; Bingemer, 2005). A partir dessa inquietude e intuição, o teólogo alemão desenvolverá seu axioma identificando Trindade Econômica (Deus para nós e conosco) e Trindade Imanente (Deus em Si mesmo) que revolucionou a teologia trinitária no século XX (Bingemer, 2001, p. 181-203).

O concílio de Niceia, já há 1700 anos atrás, convida a passar além do Deus Criador, princípio arcano da fé cristã. Há que ir mais longe na experiência e no pensar sobre Deus (theologia) em relação à vida. Como Criador, Deus é entendido, adorado e venerado como Pai de todos os viventes. Trata-se d'Aquele a quem todos os olhos podem levantar-se confiantes e esperançosos de ali encontrar abrigo, sentido, consolo.

Porém Niceia diz mais. Além de ser Criador “de todas as coisas visíveis e invisíveis”, Deus é eternamente gerador do Filho. Este, portanto, não é criado como quer o Arianismo, movimento que ameaçava dividir o Cristianismo e que provocou a convocação do Concílio de Niceia, mas, sim, é da mesma substância (*homoousios*) das eternas e paternas entranhas divinas. Jesus Cristo, o Filho Encarnado “revela a inaudita paternidade intra-divina de Deus, fundamento de sua paternidade *ad extra*. Se Cristo é o Filho divino, de modo único, isso implica que há uma geração em Deus: Deus Pai dá tudo o que tem e tudo que é” (CTI, n. 9). Gera eternamente o Filho de sua mesma natureza e substância, coeterno e coexistente no movimento salvífico e plenificador da vida que existe, coexiste e transcende as categorias da racionalidade humana.

Retomamos as palavras do Símbolo Niceno que dizem muito sobre esta eterna e infinita geração:

E em um só Senhor Jeus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por meio do qual vieram a ser todas as coisas, tanto no céu como na terra (DH, 2007, n. 125).

No Símbolo, o Filho é “um só”, é “Senhor”⁵, “Filho de Deus”, “unigênito”⁶ na intimidade do Pai, “Deus de Deus”, “luz da luz”, “Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”. Diz ainda que é “gerado, não criado”, “consubstancial”⁷ ao Pai”.

O documento da CTI faz notar que no Quarto Evangelho, o Filho é várias vezes chamado *theos* (Jo 1,1; 5,18; 20,28). Acrescentamos que em

⁵ O documento da CTI n. 11 acrescenta *Kyrios*, que traduz o Tetragrama na Septuaginta.

⁶ *Ibid.* (ho monogenēs).

⁷ *Ibid.* (homoousios).

algumas outras passagens igualmente isso acontece⁸. O Filho é gerado “antes de todos os tempos”, o que significa no Símbolo que ele é coeterno com o Pai, tal como diz o Prólogo joanino (Jo 1,1).

Isso contraria diretamente as teses de Ário, segundo as quais:

a) Houve um tempo em que Deus não era Pai, pois o Filho é uma criatura. *O Filho não coexiste eternamente com o Pai.*

b) O Filho não é da substância de Deus, é uma das obras e criaturas de Deus. Só abusivamente pode ser chamado Verbo e Sabedoria de Deus. *O Verbo não é o Filho do Pai por natureza.*

c) O Verbo é estranho a Deus e diferente dele. *A natureza do Filho não procede da Natureza do Pai.*

d) *O Verbo está sujeito a mudança física e moral* (pode sofrer e pecar).

e) *O Verbo foi criado do nada* (Bingemer; Feller, 2002, p. 149).

E porque é “gerado antes de todos os séculos”, coeterno com o Pai, o Filho pode ser confessado como aquele “por quem todas as coisas foram feitas” (1Cor 8,6; Jo 1,3). O Pai, fonte da divindade, tem o poder de gerar outro, que lhe é consubstancial em divindade. Deus excede tudo o que o pensamento humano pode imaginar porque “sua Unidade pressupõe uma pluralidade real que não rompe a Unidade” (CTI, n. 11).

É ponto essencial da contribuição do Concílio de Niceia a consubstancialidade do Filho com relação ao Pai. O unigênito, o coeterno, o eternamente gerado desde antes do início dos tempos, é consubstancial (*homoousios*) com o Pai, da mesma substância do Pai.

Aí fica clara a distinção fundamental entre geração e criação. “Geração” é uma comunicação única da natureza, da substância do Pai (CTI, n. 15). É gerar vida da própria vida, das próprias entranhas, da própria existência. É gerar alguém que é o mesmo, porém outro. É Filho e não Pai, mas, da mesma substância e natureza do Pai que o gera eternamente. Não há divisão no Deus Único, mas sim alteridade que é movimento e relação em um amor (*agape*) que ultrapassa as racionalidades e faz resplandecer o mistério da Vida que é desde sempre e que eternamente existe gerando incessantemente mais vida e vida mais plena.

“Criação” é, a partir do nada, sem matéria preexistente, trazer à vida aquilo que não é para que seja. O ser criado, a criatura, é radicalmente diferente do Criador, que lhe dá a vida, o ser e a liberdade. Todos os seres

⁸ Seis vezes apenas em todo o NT a palavra *theos* (Deus) é aplicada a Jesus Cristo. Em todo o texto, quando se lê *ho theos*, trata-se do Pai. Conferir sobre isso Karl Rahner, *Curso fundamental*, op. cit., e nosso livro, com Victor Galdino Feller (BINGEMER; FELLER, 2002, p. 65-66).

vivos na face da terra são criados, criaturas (Moltmann, 1992). Finitos, mortais e impotentes, olham para o céu como o salmista do Salmo 8 e dizem:

³ Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;

⁴ Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?

⁵ Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste (v. 3-5).

Capazes de conhecer a Deus, as criaturas, e especialmente as criaturas humanas são, no entanto, finitas, mortais e limitadas. Incapazes de se dar o ser, devendo recebê-lo do Outro, do Criador por graça (Rahner, 1989). Com este Pai Criador não partilham a natureza, ainda que carreguem marcada em seu ser a imagem de Quem as criou.

Assim não acontece com o Filho. “Gerado, não criado, consubstancial ao Pai, por Ele todas as coisas foram feitas”. Sua divindade é salvífica. Está “inserida numa série de termos de origem escriturística e litúrgica: “Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”, “Deus de Deus” e “luz da luz”. Nenhum termo isolado pode esgotar a plenitude superabundante da Revelação” (CTI, n. 17). Não há ser humano capaz de salvar a humanidade, a qual criada em graça e liberdade tem diante de si a possibilidade de escolher a morte e não a vida e voltar as costas ao amor. A criatura humana participa da vida divina por graça e não por natureza (Rahner, 1989).

Só o Filho participa da mesma substância do Pai e com este é coeterno. Só o Unigênito, eternamente gerado desde antes do início dos tempos, é salvador. Pois apenas Ele é consubstancial ao Pai. E, embora na encarnação assuma a natureza humana com todas as suas consequências, não se torna por isso criatura, mas permanece sendo inseparavelmente de natureza divina e de natureza humana, sem confusão nem separação (DH, 2007, n. 300-303).

Na origem sem origem da Economia da Salvação que é a nossa – não só dos cristãos, mas de toda a humanidade (Rahner, 1989) — está a eterna geração do Unigênito cujo mistério inaudito revela que Deus é mistério de comunhão e contém uma riqueza poliédrica já presente no monoteísmo israelita, a qual seguirá uma linha de continuidade teológica profunda com a fé trinitária cristã.

Por esta eterna geração que segue o caminho kenótico e descendente da encarnação e abraça por dentro a condição humana, somos salvos. Se as teses de Ário prevalescessem, o Verbo seria concebido como criado. Portanto, não seria de natureza divina e não seria capaz de realizar a salvação da humanidade. Só Deus tem poder de salvar o mundo que criou. Portanto, apenas Deus acima de nós, entre nós e dentro de nós pode re-

alizar a salvação que significa na verdade vida em plenitude (Bingemer, 2005; BOFF, 1987).

Assim como todo ser humano possui em si o DNA, o código identificador daqueles que o geraram, assim o Filho em sua divina diferença é também divinamente consubstancial Àquele que eternamente o gerou. Leva em sua pessoa o “DNA do Pai” que o gera desde toda a eternidade. Encarnado no ventre de Maria de Nazaré, será revelado ao mundo enquanto verdadeiro Deus e verdadeiro homem, duas naturezas em uma só pessoa (DH, 2007, n. 300-303). Mistério de unidade e alteridade, na divindade e na humanidade, iluminando a verdadeira identidade do Criador e igualmente de sua Criação.

A riqueza e a santidade desse Mistério, tão profundo que a razão humana não pode captar, mas revelado de forma que o coração humano possa conhecer são expressas em linguagem rigorosa e elaborada, utilizando categorias da filosofia grega pela primeira vez no Concílio de Niceia (CTI, n. 86). O mistério que é nossa origem e fonte de nossa vida e existência é fundamentalmente um mistério de geração, um mistério de vida que se move na eterna cadência do amor, da fecundidade e da comunhão. A partir daí talvez possamos ver melhor algumas lições que Niceia nos oferece. Longe de ser um mistério teórico, abstrato e incognoscível, o símbolo niceno, emanado do Concílio, abre alguns caminhos para questões importantes da nossa contemporaneidade.

5 As lições de Niceia

A fé que professamos e que Niceia expressa é trinitária. O que no símbolo niceno é dito do Deus em quem cremos ilumina igualmente quem somos e qual o sentido de nossa vida enquanto criaturas desse Deus, criadas à sua imagem e semelhança e destinadas à plenitude da vida e da comunhão.

Se somos imagem de Deus e Deus é um Deus que gera, igualmente somos criados para gerar mais vida a partir de nossa vida recebida como dom desde a geração eterna do Filho pelo Pai e comunicada incessantemente pelo Espírito. Se o Pai é o eterno gerador, o Filho Encarnado é o gerado eternamente pelo Pai. O Credo de Niceia e Constantinopla o afirma.

Deus é amor e, portanto, é fecundidade. A geração é parte constitutiva de sua identidade. Se somos criados à imagem e semelhança de Deus, a fecundidade é e deve ser sempre mais nosso modo de vida, nosso estilo de existir. A esterilidade não pode definir-nos, mas sim a abertura à fecundidade que gera sempre mais vida e vida em abundância.

Com o afirmado acima, não se quer dizer que a geração biológica, na maternidade ou paternidade biológica, é o único caminho possível para o ser humano⁹. Mas sim, deseja-se afirmar que a fecundidade o é. Gerando ou não biologicamente, o ser humano é criado capaz de gerar vida e só assim é imagem de Deus. Só assim igualmente encontra o verdadeiro sentido de sua existência. Ao mesmo tempo, frustra o sentido de sua vida se não realiza esta dimensão de sua identidade.

A cadeia da vida não pode ser interrompida ou rompida. A queda na taxa de natalidade que hoje se agiganta mostra que juntamente com a catástrofe ambiental e a ameaça de colapso climático, vivemos uma séria ameaça de colapso da espécie humana. Estará o ser humano em risco de extinguir-se a si mesmo e a seu futuro? O Concílio de Niceia com suas afirmações sobre a identidade do Deus da fé cristã enquanto origem sem origem da vida não isolada na solidão monárquica, mas aberta à pluralidade e à comunhão, ilumina a situação em que nos encontramos com uma esperança transcendente e promissora.

A fé nicena é fundamental para reavivar o amor e a firme confiança da vocação humana à vida. Da vida viemos, da vida nos originamos e nascemos e para a vida somos continuamente criados¹⁰. Para viver e cuidar de toda forma de vida, para habitar nosso corpo situado dentro do grande e complexo sistema de vida que é o Corpo da Terra, abrindo todas as criaturas, originadas n' Aquela que desde toda a eternidade gera um Filho consubstancial e divino que simultaneamente toma nossa carne e caminha conosco dizendo ser, Ele mesmo, o Caminho, a Verdade e a Vida.

Conclusão: Creio em um só Deus que gera, salva e vivifica

Se somos imagem do Deus da Vida, gerar, engendrar faz parte da nossa vocação humana. Somos chamados a engendrar e gerar a vida, em qualquer de suas formas, e entre estas formas se encontra também a vida humana.

Hoje a consciência da catástrofe climática e da necessidade da conversão ecológica crescem exponencialmente. Somos e cada vez mais sentimo-nos chamados a responsabilizarmo-nos pelo cuidado de cada espécie e de cada manifestação de vida.

⁹ Reconhecemos aqui como plenamente compatíveis com a fé e a moral cristãs opções de vida que não preveem ou integram a geração de filhos. Por exemplo, a Vida Consagrada, ou mesmo a opção radical por um projeto que beneficie a muitos, ainda que não exercido dentro de uma instância institucional.

¹⁰ Tal como diz Santo Inácio de Loyola no Princípio e Fundamento de seus Exercícios Espirituais, n. 23: "O homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus. O verbo é dito no presente: é continuamente criado.

Porém, urge fazermo-nos igualmente responsáveis pela forma de vida que é a nossa: a vida humana. Em nossas mãos e em nossos corpos está o futuro da humanidade da qual somos parte. Para iluminar isso, a fé cristã nos oferece o seu símbolo antigo agora de 1700 anos que afirma que Aquele que é nossa origem sem origem é um mistério de geração incessante. Essa é a chave para o futuro da humanidade e do mundo. Somos responsáveis por gerar e tornar a vida possível, gerar e permitir que a cadeia da vida humana não seja interrompida, mas continue na convivência com os outros seres vivos na grande Casa Comum que é a Terra (LS, n. 1).

Para isso é preciso que nasçam crianças, que filhos sejam gestados, nutridos e cresçam em meio à justiça e à igualdade de direitos. Necessário é aprender do Deus que desde toda a eternidade gera seu Unigênito bem-amado e n'Ele e por Ele nos cria incessantemente. O texto do símbolo nos ensina hoje e sempre as inestimáveis lições sobre a Vida que é o outro nome de Deus.

Cremos em um só Deus, Pai onipotente, artífice de todas as coisas visíveis e invisíveis.

E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por meio do qual vieram a ser todas as coisas, tanto no cé como na terra; o qual, por causa de nós homens e da nossa salvação, desceu e se encarnou, se en-humanou, padeceu, e ressuscitou ao terceiro dia [e] subiu aos céus, havendo de vir julgar os vivos e os mortos;

E no Espírito Santo (DH, 2007, n. 125-126).

Abreviaturas:

DH = *Compêndio dos símbolos, definições [...]*, H. Denzinger e P. Hünermann

LS = *Carta Encíclica Laudato Sí'*

Referências

ATTIAS-DONFUT, Claudine, *Sociologie des générations. L'empreinte du temps*. Paris : PUF, 1988.

BEGET. In: *WordReference.com*: Dicionário on-line de idiomas. [2025]. Disponível em: <https://www.wordreference.com/enpt/beget>. Acesso em: 30 jul. 2025.

BHATTACHARJEE, N. V. *et al.* Global fertility in 204 countries and territories, 1950–2021, with forecasts to 2100: a comprehensive demographic analysis for the Global Burden of Disease Study 2021. *The Lancet*, v. 403, p. 2057-2059 (2024). Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(24\)00550-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(24)00550-6/fulltext). Acesso em: 20 jul. 2025.

BINGEMER, M. C. A vivente que gera vida: analogia entre o corpo feminino e os mistérios da Criação. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 53, n. 3, p. 553-578, Set./Dez. 2021.

BINGEMER, M. C. Crer e dizer Deus Pai, Filho e Espírito Santo. *Atualidade Teológica* — Revista do Departamento de Teologia da PUC/RJ, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 181-203, 2001.

BINGEMER, M. C. *Um rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005.

BINGEMER, M. C.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. São Paulo: Paulinas, 2002.

CARDOSO, I. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. *Tempo social*, v. 17, n. 2, p. 93-107, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/BSVVw9SLHbrnnYNRgGtMjJp/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2025.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador*. 1700 aniversário do Concílio Ecumênico de Niceia 325-2025. Roma: Dicastério da Cultura. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20250403_1700-nicea_po.html. Acesso em: 20 jan. 2025.

DENZINGER, H.; HÜNERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

FELICIO, Gisele. O reconhecimento de paternidade e o direito à filiação à luz do exame de DNA. Jusbrasil, 2024. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-reconhecimento-de-paternidade-e-o-direito-a-filiacao-a-luz-do-exame-de-dna/2142285610>. Acesso em: 22 jul. 2025.

FESTIVAL DE WOODSTOCK. In: *Wikipedia*. [2025]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_de_Woodstock. Acesso em: 25 jul. 2025.

FIOCRUZ PERNAMBUCO. *Estudo aponta queda progressiva nas taxas de fertilidade*. [2024]. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/estudo-aponta-queda-progressiva-nas-taxas-de-fertilidade>. Acesso em: 25 jul. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Roma: Dicastério da comunicação, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 25 jul. 2025.

FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco na Audiência de 10/05/2024b, sobre os Estados Gerais da Natalidade. Roma: Dicastério da comunicação, 2024a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/may/documents/20240510-statigenerali-natalita.html>. Acesso em: 27 jul. 2025.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Papa Francisco para o IV Dia Mundial dos avós e dos idosos. Roma: Dicastério da comunicação, 2024a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/nonni/documents/20240425-messaggio-nonni-anziani.html>. Acesso em: 24 jul. 2025.

FRANTZ, Nilo. DNA: saiba as suas principais características e funções. [s.d.]. Disponível em: [https://nilofrantz.com.br/dna-caracteristicas-e-funcoes/#:~:text=O%20DNA%20\(%C3%81cido%20Desoxirribonucleico\)%20%C3%A9,indiv%C3%ADduos%20e%20demais%20seres%20vivos](https://nilofrantz.com.br/dna-caracteristicas-e-funcoes/#:~:text=O%20DNA%20(%C3%81cido%20Desoxirribonucleico)%20%C3%A9,indiv%C3%ADduos%20e%20demais%20seres%20vivos). Acesso em: 23 jul. 2025.

GENERAR. In: *Diccionario de la lengua española*. Real Academia Española, [2025]. Disponível em: <https://dle.rae.es/generar?m=form>. Acesso em: 22 jul. 2025.

GERAR. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [2022]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/gerar>. Acesso em: 20 jul. 2025.

GHAEDI, M. Boom populacional da África pode impulsionar sua economia. *Deutsch Welle*, 27/11/2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/boom-populacional-da-%C3%A1frica-pode-impulsionar-sua-economia/a-63909728>. Acesso em: 26 jul. 2025.

HÉRITIER, F. *L'Exercice de la parenté*. Paris: Points, 1981.

JIMENEZ ET. AL. Evidências dos efeitos colaterais a longo prazo relacionados ao uso de anticoncepcionais hormonais orais no organismo feminino. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 1, p. 843-855, 2024. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1073/1412>. Acesso em: 25 jul. 2025.

JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Evangelium vitae*. Sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. Roma: Dicastério da Comunicação. [1995]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html. Acesso em: 30 jul. 2025.

JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica Familiaris Consortio*. Sobre a função da família cristã no mundo de hoje. Roma: Dicastério da Comunicação. [1981]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html. Acesso em: 30 jul. 2025.

KRISTEVA, J. *Seule une femme*. Paris : L'Aube, 2007.

KRISTEVA, J. ; CLÉMENT, C. *Le féminin et le sacré*. Paris: Stock, 1998.

MOLTMANN, J. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O que é o DNA e do que ele é composto? [2024]. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2024/04/o-que-e-o-dna-e-do-que-ele-e-composto>. Acesso em: 25 jul. 2025.

NEXO DA CAUSALIDADE. In: *Wikipedia*. [2025]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nexo_de_causalidade#:~:text=Formulada%20por%20Ludwig%20Von%20Bar,conduta%20n%C3%A3o%20foi%20a%20causa. Acesso em: 25 jun. 2025.

OLIVEIRA, T. G.; SANTOS, N. F.; BELTRAMINI, L. M. O DNA: uma sinopse histórica. *Revista de Ensino de Bioquímica*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 1-16, 2004, DOI: 10.16923/reb.v2i1.13. Disponível em: <https://www.bioquimica.org.br/index.php/REB/article/view/13>. Acesso em: 30 ago. 2025.

PAGLIA, C. O feminismo não é honesto com as mulheres. *Vida e Família*. [2012]. Disponível em: <https://vidaefamilia.org.br/qo-feminismo-nao-e-honesto-com-as-mulheresq-camille-paglia/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

PAULO VI. *Carta encíclica Humanae Vitae*. Sobre a regulação da natalidade. Roma: Dicastério da comunicação. [1968]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html#:~:text=Dada%20em%20Roma%2C%20junto%20de,1968%2C%20sexto%20do%20nosso%20pontificado. Acesso em: 22 jul. 2025.

RAHNER, K. A exigência de uma “fórmula breve” da fé cristã. *Concilium* — Revista Internacional de Teologia, v. 3, n. 23, p. 62-73, 1967.

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

RAHNER, K. Theos en el Nuevo Testamento. *Escritos de Teologia*. Madrid: Taurus, 1975. v. IV, p. 93-165.

VILLAS BOAS, A.; PALMA, A.; INCERTI, F.; BINGEMER, M. C. (Org.). *Ecologia e Hermenêuticas do Feminino*. Lisboa: Uceditora, 2025. E-book.

Artigo submetido em 09.09.2025 e aprovado em 16.09.2025.

Maria Clara Lucchetti Bingemer é doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Atualmente é professora aposentada no Departamento de Teologia da PUC-Rio, pesquisadora do CNPq. Orcid.org/0000-0003-3443-8214. E-mail: agape@puc-rio.br.

Endereço: Rua Almirante Salgado, 51 — Laranjeiras
22.240-170 – Rio de Janeiro, RJ

Editores: Márcia Eloi Rodrigues e Franklin Alves Pereira.

Disponibilidade de Dados:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no artigo.

